

190

ÍNDIOS

Dossiê revela luta indígena pela terra

O documento foi entregue ontem

ÂNGELA RAVAZZOLO

No colo da mãe, Sônia espia com olhos arregalados a movimentação na aldeia guarani. Com três meses de idade, ela tem os dedos das mãos enrugados pela falta de leite. Pequena e magra, é uma das 32 crianças da reserva do Cantagalo, em Viamão — uma área de 47 hectares ainda não demarcada pelo Ministério da Justiça —, onde os índios travam uma batalha diária para manter intocável a cultura guarani. O Cantagalo é um dos refúgios indígenas analisados em um dossiê de mais de 50 páginas entregue ontem ao governo do Estado. O relatório trata da demarcação das terras dos 10 mil índios do Rio Grande do Sul.

O vice-governador Vicente Bogo recebeu o documento elaborado por 11 entidades e que reúne dados históricos sobre a demarcação de áreas indígenas desde o início do século. No dossiê, as organizações ressaltam as dificuldades e os atrasos nos processos para estabelecer os limites das reservas. De 61,4 mil hectares já identificados pela Fundação Nacional do Índio (Funai), apenas 38,3 mil foram demarcados legalmente.

Os dois grandes grupos indígenas que ainda habitam terras gaúchas são os caingangues e os guaranis. A população de caingangues cresceu nas últimas décadas — hoje, chega a 9,3 mil índios. "Sem terras e com esse crescimento, eles terminam nas grandes cidades", explica o advogado Mozar Artur Dietrich, assessor jurídico, do Conselho de Missão entre Índios (Comin). No caso dos 700 guaranis que vivem no Estado, correr em direção às avenidas torna-se também uma alternativa para afugentar a fome das terras ainda não reconhecidas pelo governo federal.

Em meio ao mato da Região Metropolitana, 15 famílias guaranis tentam manter no Cantagalo a religião, a língua, o plantio e a estrutura ancestral das tribos. Mas a aldeia onde vivem 62 pessoas foi traída pelo clima: nesse inverno, duas crianças morreram vítimas de doenças respiratórias. Com medicação e alimentos escassos, doenças como a gripe, a tosse e a pneumonia arrasam a saúde dos índios, especialmente das crianças.

Cada família mora em uma casa edificada com troncos e uma lona preta. Em uma barraca maior, os índios se reúnem para rezar. O líder aldeia, Teófilo Gonçalves, mostra-se preocupado. "Nossos medicamentos acabaram e a comida também", conta. O filho mais moço de Teófilo, de dois meses, teve de ser internado às pressas na Santa Casa com pneumonia no mês passado. "As vezes não temos nem dinheiro para uma passagem de ônibus até o posto de saúde", diz Teófilo.

Com nove filhos, a índia Maria Morinigo faz o que pode para conseguir alimentar todas as crianças. O marido vende artesanato nas ruas e avenidas de Porto Alegre, mas nem sempre consegue garantir a compra de leite suficiente para alimentar a filha mais nova do casal, Sônia. Na pequena orelha, a menina carrega a prova de resistência dos guaranis. A mãe lhe colocou um brinco feito de linha colorida. "É para ter o furinho", explica Maria, tímida, em um português trancado.



FOTOS ARIVALDO CHAVES 24



F pobreza: a população guarani da reserva do Cantagalo (ao alto) definha em número e adoce com frequência (fotos acima à direita e ao lado), enquanto o povo caingangue, em crescimento, sai às ruas para vender artesanato (acima à esquerda)

VIDE-VERSO

1366

Guaranis caçam níqueis em meio à selva urbana

ROSINA DUARTE

Os guaranis voltaram a caçar para sobreviver. Em vez de tocaiar presas camuflados entre a folhagem densa das florestas, porém, eles agora caçam níqueis dos habitantes da selva urbana, expondo suas misérias nas portas das lanchonetes. A população de índios indigentes instalados principalmente na Rua da Praia e Travessa Acelino de Carvalho é formada de mulheres e crianças maltrapilhas vindas da reserva do Cantagalo, próxima à praia do Lami, e de um acampamento localizado na Lomba do Pinheiro. Enquanto os homens vendem cestos pela cidade, suas companheiras e filhos se instalam nas calçadas e ali permanecem munidos com uma caixa de sapatos onde o povo deposita moedas. Até mesmo Ilda da Silva, a mulher do segundo cacique dos guaranis, esmola nas esquinas do centro.

Entre os cidadãos apressados, os cegos gaúchos e os vendedores de brinquedos do Paraguai, as índias amamentam, acariciam e brincam com os filhos sem jamais estender a mão para pedir. As crianças pequenas tampouco angariam caridade alheia. Apenas os mais velhos já aprenderam a imitar os meninos de rua. *Troquinho* é uma das poucas palavras da língua portuguesa repetida com timidez pelos pequenos guaranis. Por acanhamento ou por desconhecerem o idioma, apenas sorriem quando alguém fala com eles.

A atitude é idêntica à das mães indígenas. Pequenas como meninas, elas sentam sobre as pernas cruzadas e contemplam o burburinho com placidez. Os olhos se estreitam e os dentes arruinados aparecem nas raras ocasiões em que se tornam alvo de interesse. Em voz muito baixa e confusa — que lembra os sons da língua espanhola — fornecem poucas informações: seus nomes, a idade e de onde vêm. Mais nada. Algumas, como Marisa Benites e Carmem Taural, instalam pequenas esculturas ou cestos junto às sacolas e os trapos onde recostam os bebês. Na maioria das vezes, porém, os artesanatos ficam nas mãos dos homens.

Um deles, Sebastião da Silva, é o segundo cacique da tribo dos Guaranis residentes na reserva do Cantagalo. Franzino e mal vestido não apresenta qualquer vestígio do orgulho dos ancestrais e não se acanha em pedir dinheiro, contrariando a regra básica das mulheres. "Me dê dois reais para comprar comida para as crianças", vai logo dizendo a quem se aproxima da sua família. "Índio pede porque é pobre", justifica. "A terra é ruim, nada cresce", explica ainda.

A mulher — uma jovem de 20 anos que, como suas ancestrais, amarra uma tira de pano encardido contra o peito para melhor aninhar seu bebê — olha a cena com ar aéreo e não agradece se o pedido do marido é atendido. Seu rosto só adquire vida quando fiscaliza os dois outros filhos, misturados à multidão. Ambos estão hipnotizados diante dos miraculosos brinquedos movidos à pilha, ofertados pelos camelôs. O mais velho chega a se deitar no chão para tentar desvendar o mistério. Ri para o irmão e encolhe os ombros quando se dá por vencido. Recostada em uma vitrine, a mãe também ri antes de entornar um copo de Coca-cola oferecido por um passante e expor o seio para amamentar a filha caçula. Um senhor bem vestido e exageradamente pintado observa a cena e comenta com seu acompanhante: "Só nos faltavam estas índias cretinas para sujar ainda mais a rua".

FOTOS JÚLIO CORDEIRO/214



Esmola: pelas ruas úmidas de Porto Alegre, o casal guarani (foto ao alto à direita), desdenha o mesmo inverno hostil em que mulheres e crianças, descendentes da tribo, sentam ao pé das vitrines à espera da caridade urbana